

APOSTO: “TERMO ACESSÓRIO”? UMA ANÁLISE DE CONTOS POLICIAIS

José Márcio Correia de Queiroz
Mariano Moreira da Silva Júnior
Raldeli Pereira dos Santos*
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Discordando da visão tradicional de que o aposto é um termo acessório, analisamos o emprego das construções apositivas não-restritivas, bem como seu papel na elaboração de sentidos de contos policiais. O foco da análise foi a importância da construção apositiva como elemento fundamental na formulação desses sentidos.

O presente artigo investiga a utilização de construções apositivas não-restritivas como uma estratégia textual-discursiva em contos policiais, visando evidenciar a importância dessas construções na elaboração dos sentidos nesse gênero textual. A gramática tradicional, privilegiando, nas discussões, os aspectos sintático-semânticos, classifica os termos da oração, seguindo uma escala valorativa, como *essenciais*, *integrantes* e *acessórios*. Nessa escala, o aposto é enquadrado no último grupo. Neste trabalho, contrapomos essa escala valorativa à percepção de que o aposto, numa perspectiva funcional-discursiva, ganha um estatuto de *essencial*, devido à sua evidente contribuição para os sentidos do texto. Dessa maneira, partilhamos da afirmação de Nogueira (2002) de que *a construção apositiva não-restritiva deve ser entendida como formulação lingüística multifuncional a que se recorre na construção dos sentidos de um texto*. Essa é a base teórica norteadora da análise que ora apresentamos, como uma contribuição para o estudo do aposto. O *corpus* de análise utilizado constituiu-se de amostras textuais retiradas de seis contos policiais do volume 12 (Histórias de Detetive) da série *Para gostar de Ler*. Para analisar as construções apositivas, adotamos os seguintes procedimentos: a) leitura dos textos; b) identificação das ocorrências de construções apositivas não-restritivas; e c) análise das ocorrências, levando-se em conta aspectos textuais-discursivos.

1. Pressupostos teóricos

Na escola, o estudo da construção apositiva limita-se ao âmbito da sintaxe da oração. O ensino tradicional de gramática aborda o aposto como um dos *termos acessórios da oração*, conforme denomina a Nomenclatura Gramatical Brasileira, e restringe-se à identificação e classificação dentro de modelos que não são apresentados de maneira consensual nas diversas gramáticas.

As divergências a respeito da definição do aposto não representam fato novo. Pelo contrário, têm gerado pontos de vista conflitantes. Na visão de alguns estudiosos, a exemplo

* Alunos do curso de Letras da UFPE. Trabalho desenvolvido na disciplina Língua Portuguesa 5, sob a orientação da Profa. Ana Lima, em 2002.1.

de Matthews (1981), Quirk *et al.* (1985) e Meyer (1989), a aposição se insere em um conjunto de relações mais abrangentes, como a modificação ou a complementação.

Nogueira (2002), por sua vez, propõe o entendimento do aposto em uma perspectiva multifuncional. A autora chama a atenção, especialmente, para a aposição não-restritiva, a qual realizaria, *a um só tempo, diferentes funções nos planos textual (referenciação e reformulação), cognitivo e argumentativo-atitude*. Nas palavras dessa autora, *isto significa dizer que, em situações reais de utilização das expressões apositivas, essas funções, justamente por pertencerem a planos diferentes, não se excluem, mas, antes, se combinam, o que confere a tais expressões um caráter multifuncional*.

Foi com base nesse entendimento proposto por Nogueira que, neste trabalho, buscamos analisar a função do aposto no processo de produção dos sentidos nos textos, especificamente nos contos policiais.

2. Análise das construções apositivas não-restritivas

Na elaboração de contos policiais, o escritor tem como principal desafio envolver o leitor. O autor do conto figura como um *anfitrião* que *convida* o leitor a participar da história contada. É preciso apresentar-lhe o cenário, familiarizá-lo com os personagens, apresentá-lo à trama, com seus meandros e detalhes, fundamentais para o desfecho dos casos. Para isso, o escritor, freqüentemente, vale-se de construções apositivas, que, então, mostram-se indispensáveis à construção do sentido que se quer dar ao texto.

As ocorrências identificadas no *corpus* exemplificam a utilização de construções apositivas não-restritivas como estratégia textual-discursiva na elaboração dos sentidos dos contos policiais.

A análise aqui empreendida evidenciou que a presença de apostos cumpre a função de situar o leitor basicamente em relação a três aspectos gerais: 1) ambientação; 2) personagens; e 3) trama. Ressaltamos que esses aspectos não se apresentam isoladamente, estando, muitas vezes, entrelaçados no relato da história. A seguir, veremos algumas ocorrências que demonstram de que maneira o aposto cumpre um papel fundamental nos textos analisados. As indicações entre parênteses referem-se aos contos listados no final deste trabalho.

1) AMBIENTAÇÃO

No que se refere à ambientação, pode-se notar, na ocorrência (01), a utilização do aposto como recurso que oferece ao leitor uma descrição geral do cenário em que ocorre parte da trama.

(01) Seguindo o rastro das ferraduras o grupo chegou, finalmente, a uma grande poça de água estagnada, *um charco meio oculto pela vegetação*, à direita do atalho; do lado de lá do charco, qualquer vestígio de rastro sumia de vez. (Conto 1, p.44).

Observando essa ocorrência, poderíamos pensar que a supressão do aposto não comprometeria o sentido do texto, ainda que o mesmo perdesse algo de sua riqueza descritiva. Entretanto, a partir de um olhar mais atento, observamos que o aposto traz uma informação relevante, não somente por permitir ao leitor uma melhor *visualização* do cenário descrito, mas também por dar pistas que terão importância no desenrolar da história. A informação de que aquela *grande poça de água estagnada* tratava-se de *um charco meio oculto pela vegetação* – portanto, era um espaço meio que *encoberto*, propício para *esconder alguma coisa* – é reforçada pelo esclarecimento de que *do lado de lá do charco, qualquer vestígio de rastro sumia de vez*. Esse dado atribui ao *charco* papel relevante no conto. Sugere que talvez

ali esteja a chave para desvendar o mistério do caso policial. Essa idéia fica ainda mais evidente no momento em que o autor acrescenta:

- (02) Parecia, porém, que uma luta ali havia sido travada, e que um corpo grande e pesado, *muito maior e mais pesado que um homem*, tinha sido arrastado do atalho para dentro do charco. (Conto 1, p.44).

O final do texto confirma para o leitor a hipótese, anteriormente sugerida, de que aquele *charco* escondia realmente alguma coisa. E é, mais uma vez, o aposto que traz um elemento novo ao dizer que *esta coisa* seria algo *muito maior e mais pesado que um homem*.

Em outro trecho do mesmo conto, abaixo, voltamos a perceber que a supressão do aposto comprometeria definitivamente a descrição do cenário e a própria compreensão do desenrolar dos fatos no episódio narrado.

- (03) Ali, o rastro desviava para um atalho que atravessava um trecho da mata – *caminho esse que dava novamente na estrada principal, diminuindo em cerca de oitocentos metros a distância normal*. (Conto 1, p.43-44).

Neste caso, é fundamental para o leitor saber *o destino* a que conduzia esse *atalho* e o que ele representa em termos de redução de espaço percorrido de um ponto a outro deste *caminho*.

Esses exemplos demonstram que, além de introduzir o leitor no *palco* das cenas, fornecendo-lhe uma grande quantidade de detalhes, o aposto também traz para a história elementos imprescindíveis, cujo objetivo principal é o de fazer o leitor *participar* da cena, antecipando possíveis conclusões quanto ao desfecho da trama.

2) CARACTERIZAÇÃO DOS PERSONAGENS

A construção apositiva é peça essencial para permitir ao leitor uma familiarização com os personagens do conto policial. Uma das suas principais funções é declarar *quem é* cada personagem na história, como mostram as ocorrências de (04) a (07), abaixo.

- (04) A Sra. Hudson, *proprietária do apartamento de Sherlock Holmes*, era uma sofredora. (Conto 2, p.10).

- (05) Julio Barrios, *mexicano, cantor de boleros*, fora um dos contratados de Adão que mais lhe deram dinheiro nos quase dez anos que estivera sob contrato. (Conto 3, p.87).

- (06) Mas fiquei sabendo que o Dr. Ainstree, *a maior autoridade mundial em doenças tropicais*, está aqui em Londres. (Conto 2, p.13).

- (07) ...não fosse a interferência suspeita do sobrinho do Sr. Penagrande, *um rapaz de hábitos bastante dissolutos e, além do mais, dotado de um certo mau caráter*. (Conto 1, p.42).

O autor também pode utilizar o aposto para dar a conhecer o personagem no que se refere às suas características físicas. Na ocorrência (08), as informações sobre características físicas do personagem são mescladas de impressões do narrador em relação ao mesmo, marcando a presença da função argumentativo-atitudeal do aposto. Essa função se efetiva quando é revelada *uma introdução da subjetividade falante/autor no discurso que ele produz*

Por meio de uma expressão apositiva, o referente é apresentado mediante uma avaliação que determina uma orientação argumentativa para o ouvinte/leitor (Nogueira, 2002).

(08) Ela estava de férias em Devonshire, mas voltou imediatamente para a cidade: *uma mocinha – parecia dezoito anos, mas na verdade era dez anos mais velha – com o sorriso mais adorável do mundo, olhos cinzentos e atentos e uma boca que, quando quieta, pendia um pouco para baixo.* (Conto 4, p.100).

É importante salientar que o ponto de vista do narrador sobre um personagem tende a conduzir o olhar do leitor sobre este mesmo personagem. Logo, funciona também como uma *pista* para o desenrolar da trama, ao abrir espaço para que se desperte no leitor um sentimento de curiosidade sobre os motivos pelos quais o personagem foi assim caracterizado. Quer dizer, através desta caracterização, o leitor pode levantar hipóteses sobre o *real* papel desse personagem dentro da trama, ou seja, decidir se ele é *mocinho* ou *bandido*.

O apostrofo é, ainda, freqüentemente usado para revelar ao leitor as reações e atitudes dos personagens no desdobrar do episódio, conforme se pode verificar nas ocorrências de (09) a (12).

(09) O inspetor, *que estivera observando o Sr. Patrick sem dizer nada*, perguntou de repente... (Conto 5, p. 70).

(10) O mesmo freguês, *que se recusava a bater palmas para Adão*, voltou a obstar... (Conto 3, p.92).

(11) ...e, com freqüência, passou a oferecer pequenas reuniões em sua casa, onde a espirocosidade e a jovialidade reinavam supremas – *esmorecendo um pouco, é claro, com a lembrança ocasional do desafortunado e melancólico destino que pairava ameaçador sobre o sobrinho do finado, o saudoso amigo do generoso anfitrião.* (Conto 1, p.50).

(12) Foi um grito terrível que ele deu – *um berro que dava para se ouvir da rua.* (Conto 2, p.14).

A revelação das atitudes e reações dos personagens é, sem dúvida, mais um importante recurso do autor para envolver o leitor em seu conto. As atitudes destacam e reforçam, não somente o caráter dos personagens, mas demonstram como eles se comportam nos episódios da trama – de forma *observadora* (09), *oferecendo resistência* (10) ou *melancólica* (11). As reações, além de desempenharem essa mesma função, por vezes, criam ainda uma atmosfera de suspense e expectativa em relação ao que se seguirá no texto, como sugere o exemplo (12) – que teria provocado tal *grito terrível?*

Aqui vale ressaltar, mais uma vez, que a supressão das construções apositivas presentes nesses trechos citados alteraria substancialmente os sentidos dos textos. No processo de familiarização do leitor como os personagens do conto policial, são imprescindíveis informações que lhe digam *quem são os personagens*, que os descrevem *fisicamente* e que demonstrem suas *reações* e *atitudes* perante os acontecimentos da trama. Para isso, cabe ao escritor recorrer ao recurso lingüístico que mais serve aos seus propósitos comunicativos. A observação dos contos policiais tem demonstrado que, dentre esses recursos, os apostrosfos são muito recorrentes.

3) TRAMA

Nos contos analisados, verificamos que a função argumentativo-atitudinal do aposto é também usualmente utilizada pelo autor para realçar certas passagens da trama, manifestando *sua avaliação* no que diz. As ocorrências (13), (14) e (15) apresentam como, através desse recurso, o escritor monta situações intrigantes que estimulam o leitor a buscar explicações para os fatos narrados.

(13) Sai dali com aquela imagem na mente: *um homem com uma inteligência tão magnífica balbuciando coisas sem sentido, como uma criança tola.* (Conto 2, p.17).

(14) De repente, Dick levantou os olhos e começou a pensar numa coisa: *Como poderia o vulto ter subido até a janela?* (Conto 5, p.62).

(15) Havia sobre o tapete uma coisa que o deixou estupefato: *era a bala deflagrada do seu revólver.* (Conto 5, p.63).

Na ocorrência (16), abaixo, é curioso verificar como o narrador apresenta um dos personagens centrais do seu conto, enfatizando e exaltando suas qualidades. O leitor se surpreenderia ao descobrir naquele personagem o culpado pelo crime.

(16) ...mas o fato é inegável: *jamais conheci um homem chamado Carlos que não fosse um sujeito franco, viril, honesto, de boa índole e de peito aberto, dono de uma voz clara e sonora, que agrada aos ouvidos, e de um olhar que fita sempre direto nos olhos, como se dissesse: Minha consciência está completamente limpa, não temo ninguém, e sou totalmente incapaz de praticar qualquer ação indigna ou mesquinha.* (Conto 1, p.40).

Na ocorrência (17), o interessante é notar a forma irônica como é descrito o objeto que deu origem à trama.

(17) Não havia, aliás, nenhuma senhora que não o conhecesse: *um anel com três grandes brilhantes de um certo mau gosto espetaculoso, mas que valia de sessenta a oitenta contos.* (Conto 6, p.32).

Nas ocorrências a seguir, a intenção do autor é chamar a atenção para o desfecho da trama. Em (18), o destaque é para o fim inusitado da história, em que a suspeita do crime recai sobre o detetive que desvendou o caso, como uma *vingança* da verdadeira culpada. Em (19), a *vingança* aparece mais uma vez, quando o autor realça aquele que, de modo geral, é a causa dos delitos em contos policiais.

(18) Mas a mulherzinha se vingou: *a todos insinuou que provavelmente o ladrão tinha sido eu mesmo, e, vendo o caso descoberto antes da minha retirada, armara aquela encenação para atribuir a outrem o meu crime.* (Conto 6, p.35).

(19) Caso tivesse sido alterado, o único motivo provável para o crime, por parte do suspeito, teria sido o de sempre: *desejo de vingança;* (Conto 1, p.46).

3. Considerações finais

O presente artigo analisou os papéis desempenhados pelo aposto em contos policiais, sob uma perspectiva funcional, buscando verificar a importância das construções apositivas no processo de produção de sentido nesse gênero textual. A análise indicou que os apostos são

um dos principais recursos lingüísticos utilizados pelos autores para conseguir o envolvimento do leitor. Através da aposição, eles proporcionam ao leitor subsídios para a idealização dos cenários das histórias, oferecem elementos para a caracterização dos personagens, tanto em aspectos físicos quanto emocionais, induzem o leitor a construir perguntas sobre o desenrolar e desfecho do episódio, levam-no a elaborar hipóteses em busca dessas respostas e, conseqüentemente, prendem-no à leitura, visto que a solução da trama, normalmente, só é revelada ao final do texto.

Pelo que se pôde observar, a supressão dos apostos, nos contos policiais, comprometeria imensamente o conteúdo dos enredos, além de retirar deles uma das suas características principais: a criação de um ambiente de expectativa e tensão referente aos momentos que se sucedem na trama. Apesar de o aposto não representar o único recurso lingüístico pelo qual o autor pode efetivar seus propósitos comunicativos, a análise dos contos demonstrou uma presença marcante de apostos como recurso utilizado pelo autor para a produção dos sentidos desejados. Esse dado confirma a hipótese deste trabalho, de que o aposto, contrariamente ao que afirma a gramática tradicional, é um termo essencial para a construção de sentidos no texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MATTHEWS, P. H. (1981). *Syntax*. New York: Cambridge University Press.
- MEYER, C. F. (1989). *Apposition in contemporary English*. New York: Cambridge University Press.
- NOGUEIRA, M. T. (2002). Funções textual-discursivas da aposição em Língua Portuguesa. In: BRITO, C. e TEIXEIRA, E. (orgs.). *Aquisição e ensino-aprendizagem do português*. Belém, UFPA/Editora Universitária.
- QUIRK, R. et al. (1985). *A comprehensive grammar of the English language*. London/New York: Longman.

RELAÇÃO DOS CONTOS ANALISADOS:

Todos se encontram em PAES, José Carlos (org.). *Para gostar de ler*, v. 12 (Histórias de Detetive). São Paulo: Ática, 1998.

Conto 1 – Tu és o homem [p.39-54]

Conto 2 – Sherlock Holmes à beira da morte [p.10-26]

Conto 3 – O último cuba-libre [p.86-93]

Conto 4 – Código 2 [p.97-112]

Conto 5 – O fantasma da Quinta Avenida [p.58-82]

Conto 6 – Se eu fosse Sherlock Holmes [p.30-35]